



## A CULTURA PRETA NA SALA DE REFERÊNCIA BLACK CULTURE IN THE REFERENCE ROOM

Marcelo Demétrio Costa <sup>1</sup>  
Sislaine Da Silva Quadros<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem o propósito de compreender a representatividade da cultura preta na educação infantil. Para tanto, foi necessário identificar como a cultura preta é trabalhada nas instituições, verificar quais estratégias podem ser utilizadas para trabalhar o tema e analisar junto aos educadores a compreensão da cultura preta. Para iniciar a fundamentação teórica dessa pesquisa realizou-se uma revisão sistemática de literatura para identificar e analisar as teses do Banco da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior para o conceito de cultura negra e formação educação infantil. A pesquisa foi feita a partir de 2014 a 2018. E para concluir trago uma das mais importantes reflexões que o trabalho trouxe para os envolvidos: A educação inclusiva é necessária. Essa educação deve ser oferecida a todos, é algo humanitário, seja para a criança, para o adulto, ou aos educadores. Ninguém nasce sendo racista, ninguém nasce diminuindo o outro, seja pelo sotaque, pela diferença de realidades ou pela cor de pele. Então isso mostra ser um trabalho árduo, porém necessário, algo que necessita sempre ser colocado em pauta, que todos são importantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura preta. Inclusão. Educação Infantil.

**ABSTRACT:** This article aims to understand the representation of black culture in early childhood education. Therefore, it was necessary to identify how black culture is worked in institutions, verify which strategies can be used to work on the theme and analyze with educators the understanding of black culture. To start the theoretical foundation of this research, a systematic literature review was carried out to identify and analyze the theses of Banco da Capes (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel for the concept of black culture and early childhood education). from 2014 to 2018. And to conclude, I bring one of the most important reflections that the work brought to those involved: Inclusive education is necessary. This education must be offered to everyone, it is something humanitarian, whether for the child, for the adult, or to educators. Nobody is born being racist, nobody is born diminishing the other, whether because of the accent, the difference in realities or the color of their skin. So this proves to be hard work, but necessary, something that always needs to be put on the agenda, which all are important.

**KEYWORDS:** Black culture. Inclusion. Child education.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Pedagogia - Centro Universitário Municipal São José/SC.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Pedagogia - Centro Universitário Municipal São José/SC.

# Revista Gepesvida

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de compreender a representatividade da cultura preta na educação infantil. Para tanto, foi necessário identificar como a cultura preta é trabalhada nas instituições, verificar quais estratégias podem ser utilizadas para trabalhar o tema e analisar junto aos educadores a compreensão da cultura preta. As seguintes questões foram trabalhadas com educadores atuantes na área de educação.

O tema abordado surgiu pela dúvida de como e se é trabalhado a cultura preta em sala de aula. A escolha da temática mostrou-se ser importante para esse estudo, pois vivemos em tempos em que a representatividade e a inclusão se tornam necessárias para que, crianças sendo pretas ou não, possam ter conhecimento de diferentes realidades. Para que esse assunto fosse esclarecido, se tornou importante conhecer diferentes autores como Feital (2016) para entender como se dá o processo de apropriação do assunto para ser trabalhado na prática.

Percebemos que no contexto escolar que as atividades propostas, sejam com linguagem audiovisual, verbal e expressiva exige planejamento e aprendizado, interpretação crítica e reflexiva de suas imagens e mensagens. Nesse sentido, a representatividade da identidade da criança preta emerge inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados e nesse caso desde a educação infantil, tornando esse aspecto um desafio para muitos profissionais.

Neste aspecto, destacamos principalmente as brincadeiras ou brinquedos, as personagens de desenho animado e as histórias infantis como eixo da ação docente e que precisam ser compreendidas na sua intencionalidade. Há para nós duas formas explícitas da construção da representatividade da cultura preta estar presente na educação infantil: uma, é por meio da oralidade (da contação) e a outra por meios dos livros infantis, ou seja, da literatura adota pelo educador. Tanto em uma como em outra emerge essa representatividade.

Desse modo caráter emotivo, ambíguo e afetivo vai delineando a construção de uma perspectiva de uma cultura, seja branca ou preta. E, desse modo, portanto, o uso na educação infantil envolve informação, conhecimento, formação de educadores para a valorização das diferenças e não da hegemonia de uns para com os outros. Trabalhar com a cultura preta é dar espaço para as crianças que não se vem representadas em

# Revista Gepesvida

nenhum momento nas instituições crescerem e se apropriarem da sua própria história. Desenvolver uma consciência sobre a cultura é algo humanitário, mostrando que mesmo com divergências, todos somos iguais, merecemos o mesmo espaço, sem nenhum tipo de preconceito ou opressão.

A educação continuada abre possibilidades para que o educador explore diferentes aspectos de sua área como a diversidade cultural. Não é todo educador que possui a possibilidade ou se interesse em dar continuidade aos estudos se aprofundando em diferentes assuntos, logo trazendo uma limitação para trabalhar em sala de aula.

Com diferentes propostas, a mais adequada se dá por meio por meio de uma formação continuada, sendo por meio de projetos da própria instituição ou oferecido pelo governo. Logo, projetos necessitam de uma equipe de educadores que possuam a apropriação do tema a ser trabalhado, apoio de toda a instituição, tempo e lugar. Não é todas as escolas que possuem verbas, ou vêm a necessidade de tal formação para o seu espaço escolar, impedindo que o projeto se torne realidade.

O presente artigo busca com o apoio de diferentes autores e vivências propor diferentes formas de como buscar e se apropriar em como trabalhar com a cultura preta na educação infantil.

A pesquisa referente a formação do educador para trabalhar com a cultura preta na sala de referência possui vários pontos a serem conversado, o histórico da cultura se mostra importante serem abordada na sala de referência para a formação de adultos consciente sobre a tolerância e respeito ao próximo.

A representatividade aparece como o meio para que a criança preta se sinta incluída e não como a parte da sociedade, como por meio do histórico da cultura do mesmo acontece por vários anos. Mesmo o racismo ainda se mostrando presente de diversas maneiras entender meios de como combatê-los se mostra necessário.

O ponto de partida se torna a formação continuada do educador para que exista a representatividade em sala de aula. Segundo Werneck (2003, p. 11):

A falta de formação é um processo silencioso, lento, progressivo e cumulativo de noções inadequadas sobre temas-tabu [...] A falta de formação é o alicerce do preconceito [...]. Como se dá a falta de formação? Sem o apoio dos adultos, a criança busca mecanismos de atender à sua curiosidade acerca das diferenças individuais. Liga sua possante antena parabólica e começa a captar informações truncadas e estereotipadas dali e daqui, incluindo as da mídia.

# Revista Gepesvida

O tema abordado nesse artigo é um passo importante para que seja possível enxergar como que existe maneiras do educador se preparar para trabalhar com a cultura preta nas instituições e uma possibilidade de intervenção é por meio da literatura infantil que é essencial no processo de aprendizagem de valores e crenças. De acordo com Silva (2010), “o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade” e das possíveis relações e interações. Diante do exposto, nossas intenções tem como base o seguinte questionamento: Como ocorre a formação dos educadores para trabalhar com a cultura preta?

## 2. AÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ARTICULAÇÃO COM A CULTURA PRETA

Para iniciar a fundamentação teórica dessa pesquisa realizou-se uma revisão sistemática de literatura para identificar e analisar as teses do Banco da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>)) para o conceito de cultura negra e formação educação infantil. A pesquisa foi feita a partir de 2014 a 2018.

Ao pesquisar o tema, emergiram 358066 teses. Ao fazer o filtro de data, alcançou-se 8321. Dessas optou-se pela área da educação, ficando então 8317 teses em que foi lido o resumo para ver a aproximação com o tema desse projeto. O que totalizou em 5 teses.

A vantagem dessa revisão sistemática é a disposição de forma explícita, de todos os estudos realizados a partir de 2014. A partir de o ano da minha pesquisa deste período documentos legais como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013), o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) marcaram o cenário educacional. Nessa busca, identifica-se apenas 5 teses na área da educação que pode se articular com os estudos propostos conforme quadro 1.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>
Edmacy Quirina de Souza.	Crianças negras em escolas de “alma branca”: um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil.	2016	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

# Revista Gepesvida

Flávia Filomena Rodrigues da Mata.	Protagonistas negros nas histórias infantis: perspectivas de representações da identidade étnico-racial das crianças negras em uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI.	2015	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Lisa Minelli Feital.	A promoção da igualdade racial e a política da formação dos professores na educação infantil em Belo Horizonte.	2016	Universidade Federal de Minas Gerais
Rosilane Maciel da Silva.	O processo de formação da identidade étnico-racial da criança negra: um diálogo com a escola.	2015	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Quadro 1: Seleção final do descritor “Cultura negra na educação infantil”

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A tese de Edmacy Quirina de Souza. (2016), é intitulada de **Crianças negras em escolas de “alma branca”**: um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil objetivou -se em analisar como a criança, na condição de sujeito produzido culturalmente, experiencia as diferenças étnico-raciais no contexto da educação. Ainda de acordo com a autora (2016, p. 219):

Serviram de base para as análises realizadas no desenrolar da pesquisa os discursos produzidos nas creches e pré-escolas, veiculados, em linguagem não verbal, nos painéis, cartazes, murais e outros suportes que ornamentam os espaços infantis; e os discursos produzidos pelas crianças e professoras, mediante outros tipos de linguagens, como gestos, vozes e comportamentos.

Souza (2016) ainda conclui que a discriminação deu continuidade em momentos de interação verbal, mesmo que de forma sutil por causa de imagens captadas. Em resultado a questão ocorrida, a autora pensa em uma segunda ordem, procura ressignificar o que é ser criança e o que é ser criança negra.

Para esse diálogo buscamos o trabalho de Flávia Filomena Rodrigues da Mata. (2015), intitulada **“Protagonistas negros nas histórias infantis: perspectivas de representações da identidade étnico-racial das crianças negras em uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI”**. De acordo com a autora, a tese buscou observar as crianças após o relato de narrativas que tematizam o protagonismo dos personagens negros, buscando reverter a histórica invisibilidade da etnia negra. Sendo assim MATA (2015, p. 89) afirma que:

De acordo com o que observei no campo de pesquisa, as relações entre profissionais brancos e negros ainda são tensas, apresentando práticas de racismo e discriminação como no caso da professora que questionou a contratação de uma pessoa “negra daquele jeito”.

# Revista Gepesvida

A autora continua explicando que para a criança preta se sinta representada e procure construir a sua identidade, é necessário que em sua volta exista um corpo docente diversificado em quesito étnica racial para que a mesma possa se espelhar.

A tese de Lisa Minelli Feital. (2016), intitulada “**A promoção da igualdade racial e a política da formação dos professores na educação infantil em Belo Horizonte**”. Tem como objetivo de pesquisa contribuir para que os educadores aperfeiçoem o processo de escolha de livros literários e a contação de histórias para promover a igualdade racial na educação infantil. Logo Feital (2016, p. 127) afirma que:

A conversa com as profissionais que trabalham com educação das crianças de zero a cinco anos de idade mostrou que realizar ações de promoção da igualdade racial com estas crianças é um desafio, pois para o senso comum a criança não é preconceituosa e não é racista.

Ainda de acordo com Feital (2016), a criança não nasce racista, mas dependendo do quesito social que vive, pode se tornar. Logo acaba concluindo que a criança não é totalmente inocente, pois a mesma é inserida nas questões a sua volta se tornando capaz de desenvolver questões como o preconceito.

A tese de Rosilane Maciel da Silva. (2015), intitulada Formação do Pedagogo: “**O processo de formação da identidade étnico-racial da criança negra: um diálogo com a escola**”. Tem como objetivo geral dialogar sobre os processos de formação de identidade étnico-racial desenvolvidos pela instituição escolar. Ao decorrer da tese Silva (2015, p. 116) afirma que:

Como pesquisadora implicada, o primeiro momento foi o da desconstrução, de reconhecer o opressor dentro do oprimido e os limites da minha ação, como por exemplo, ao dialogar sobre religiões de matrizes africanas, tendo uma crença evangélica.

Ainda de acordo com Silva, a mesma procurou entender as problematizações entre intolerância religiosa e o respeito. Concluindo que além do respeito é necessário lutar contra a intolerância que existe contra as religiões de matrizes africanas.

## 2.1 HISTÓRICO CULTURAL

Quando falamos sobre a cultura preta é necessário refletir sobre todas as circunstâncias de acontecimentos que se materialize o preconceito racial, ao mesmo

# Revista Gepesvida

tempo que emergem as leis que procuram lutar contra as desigualdades. Em seu trabalho, FEITAL (2016) reflete sobre as ações políticas que buscam promover a igualdade e por que a desavença racial no Brasil se mostra presente há décadas.

Se temos políticas públicas educacionais voltadas para a promoção da igualdade racial desde a Educação Infantil e políticas visando à formação dos professores em torno dessa temática é porque vivemos em um país com desigualdades raciais. As políticas de promoção da igualdade e de ações afirmativas visam "corrigir" ou minimizá-las. Deste modo, é importante a compreensão da história dos negros no Brasil (FEITAL, 2016, p. 17).

A história da cultura preta sempre se deu como um segundo plano, mas para a construção da história do Brasil ela foi uma peça importante. Desde escravidão a cidadania com direitos e representações limitadas, pessoas que não eram intituladas como brancas eram vistas como algo inferior, não merecedor de pertencer ao grande grupo, Feital (2016, p. 18) afirma que “No caso dos negros no Brasil, a luta pelo reconhecimento da identidade é fundamental em função do passado histórico de subordinação social dessas populações”. Logo, a luta pelo seu espaço e a representatividade dura até os dias atuais, essas batalhas vão desde direitos raciais a pronomes usados para serem identificados de modo que não seja relacionado a termos racistas.

Preto é mesma coisa que negro? Uns afirmam ser tudo igual, outros buscam argumentos para diferenciar os termos. É comum ouvirmos afirmações do tipo: preto é cor, negro é raça. A distinção aqui se dá em função da relação ao objeto em questão. Como adjetivo, preto encerra uma qualificação “a cor do objeto”, já negro nos parece designar o próprio sujeito. (ROCHA, 2010, p. 900)

A confusão terminológica em termos de como se referir a uma pessoa afro-brasileira é presente para muitas pessoas até hoje. Existem muitos questionamentos como: preto é uma cor ou é como podemos chamar alguém que não seja branco? Quando consultado o Dicionário Aurélio nos deparamos com as seguintes significações acerca da palavra negra: “De cor preta; Diz-se dessa cor; preto [...] Diz-se de indivíduo de etnia, ou raça negra; Sujo, encardido, preto [...] Enquanto sobre o termo preto o dicionário contém as seguintes significações: Que tem a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão [...] Diz-se dessa cor; Diz-se de diversas coisas que apresentam cor escura sombria [...]” (FERREIRA).

Os termos preto e negro começaram a dar as suas caras a partir do século X,

# Revista Gepesvida

onde o preto era designado para as pessoas de peles escuras referindo-se a africanos. Já a origem da palavra negro iniciou-se no século XV, sendo que, inicialmente não foram os portugueses que usavam o termo referente a escravidão, mas sim os espanhóis.

Daí o sentido do termo receber uma conotação ofensiva nos que marcou séculos de história. Ficou no ar certa confusão entre preto e negro, que passaram a significar a mesma coisa, ou seja, pessoas de pele escura. Como a escravidão ficou como realidade que marcou negativamente a história da humanidade, o termo passou a ser empregado como sinônimo de coisas ruins. (ROCHA, 2010, p. 901)

Hoje ainda continuam as discussões acerca das nomenclaturas, do seu histórico e o que realmente faz significado para as pessoas pretas e não as brancas. O intuito de toda a discussão não é com que a pessoa preta se encontre em um mundo em que foram oprimidos por brancos, eles sabem quem são, suas lutas, suas histórias e seus significados. Mas o intuito é possuir o direito de ir e vir como qualquer outro, por isso muitas das conquistas foram leis que garantem a igualdade.

Até hoje a população negra ocupa posição inferior em todos os indicadores de qualidade de vida. É a parcela menos educada da população, com os empregos menos qualificados, os menores salários, os piores índices de ascensão social [...]. A população negra teve que enfrentar sozinha o desafio de ascensão social, e frequentemente pressionou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança [...] (CARVALHO, 2004, p.52-53).

Ao decorrer dos anos, as pessoas afro descendentes foram conquistando algumas coisas aqui e outras ali, nada relevante ao que se diz ao mínimo: Uma boa educação, emprego para todos e igualdade. Em julho de 2010 foi decretada a Lei nº 12.288 que declara: “Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.”

I - Discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

A lei tem o intuito de abolir todo tipo de discriminação racial, procurando garantir que de modo algum exista a exclusão da pessoa preto por causa de suas origens. Com o tópico de nº 1, o direito de ir e vir está garantido, porém com todo o histórico da



# Revista Gepesvida

cultura preta, é necessário que além de poder estar inserido, que haja a igualdade, a possibilidade de estar no patamar que uma pessoa branca.

II - Desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

No tópico de nº 2 fica claro que, toda a privação de oportunidade, seja para trabalho, universidade de outros afins, ficam descartadas pela lei. O que é necessário sendo que no histórico da cultura preta, muitas chances de acesso à educação foram limitadas pela cor da pele de pessoas com as mesmas habilidades que cidadãos brancos.

IV - População negra: o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga;

E no tópico de nº é quebrado o tabu da necessidade de existir uma única autodeclaração em que esse direito fica afim da própria pessoa se declarar negro, preto ou parda. O que visto anteriormente essas declarações eram feitas por pessoas brancas usando como um meio de discriminar pessoas pretas.

## 2.2 FORMAÇÃO CONTINUADA

Quando falamos de formação continuada do educador para trabalharmos com a cultura preta temos que entender que a formação continuada vai além de complementos aos saberes adquiridos anteriormente, mas uma formação humana, procurando trabalhar com novos conceitos relacionados a diferentes realidades.

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional. (LIBÂNEO, 2004, p. 227)

Logo, a formação nos prepara para atender e entender pessoas com diversas bagagens culturais, visando que para uma educação igualitária é necessário sempre estar se atualizando o que se diz a respeito da sua formação. Trabalhar com a cultura preta na educação infantil é trabalhar com todo um contexto de opressão e de ressignificação do

# Revista Gepesvida

histórico da cultura preta no Brasil. Em janeiro de 2003 foi implementada a lei nº 10.369 de 9 de janeiro de 2003 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Sendo assim, trabalhar com a cultura preta além de ser importante se torna obrigatória, pois quando refletido sobre a situação da criança nas instituições percebemos que tanto os educadores como a escola em si, não possuem a preparação para lidar com as diferentes situações, sejam elas relacionadas à cultura, etnia e religião.

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 1997, p. 9).

Neste sentido percebe-se que as pessoas pretas, muitas vezes perdem a sua identidade por conta da pressão que sofrem pela sociedade. O educador quando está fazendo a sua formação vai construindo seu conhecimento e entendimento a partir de leitura e prática, mas quando está atuando no espaço escolar isso muda. A escola como um espaço que propicia o encontro ou a interação entre os considerados diferentes precisa cuidadosamente analisar primeiro quem são esses diferentes e como são vistos nesse contexto (GUSMÃO, 2003).

No processo de construção da identidade preta por meio da educação infantil exige um repensar sobre relações humanas que determinam a prática docente. Ações pedagógicas desenvolvidas pela escola ajudam no direcionamento de encontros culturais para que a escola consiga ser um local onde a aprendizagem sobre as culturas seja algo leve e promova conhecimento para todos.

Os grupos que conseguem se ver no espelho da cultura, que conseguem construir a própria figura, em uma linguagem própria, identificam-se isto é, criticam-se, reconhecem o próprio desejo e tornam-se competentes até na ação econômico-social. [...] aquele que manipula os sinais de uma identidade vencedora para obter vantagens, manipulará a identidade daquele que o reconhece e se deixa manipular. (REIS, 2006, p. 10).

# Revista Gepesvida

Nesse sentido, é importante ressaltar que a existência humana é constituída de interrelações. Todo desenvolvimento psicossocial é fruto do seu convívio e da formação recebida na família, na escola ou em qualquer grupo que faça parte ou esteja incluído.

## 2.3 REPRESENTATIVIDADE PRETA NA SALA DE REFERÊNCIA

Quando pensamos em educação infantil podemos refletir sobre algumas palavras como: Construção, desenvolvimento e autoconhecimento. A criança começa a criar a desenvolver seu eu, sua personalidade, sua autoimagem em tudo que ela vê. Porém quando falamos de crianças pretas existem muitas limitações de acesso a representatividade na sala de aula, no quesito cultural, são poucas as falas e histórias infantis que abordam a cultura preta e o histórico racial.

O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males. Portanto, como professores(as) ou cidadãos(ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante do crime de racismo no cotidiano escolar, em especial se desejamos realmente ser considerados educadores e ser sujeitos de nossa própria história (CAVALLEIRO, 2005, p. 12).

A construção da criança acerca de valores como o respeito, tolerância e compreensão começa a partir da consciência da cultura do próximo, seja para a criança preta ou branca. A representatividade cria a oportunidade de junção, ao invés de barreiras. E tudo isso é desenvolvido por meio de inserção, da fala da cultura preta no cotidiano das instituições.

Os aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os(as) alunos(as) negros(as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles(as) da escola, ou ainda para os(as) que lá permanecem à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial (CAVELLEIRO, 2005, p. 69).

Quando a criança preta não se vê em exemplos, falas ou em histórias contadas a mesma não se vê pertencente ao espaço em que ocupa. Diante de contos tradicionais a criança preta enxerga a criança branca como alguém superior, pois as mesmas são

# Revista Gepesvida

sempre representadas como reis, príncipes, rainhas e as estrelas da história. Logo, as crianças criam uma imagem de escala, pessoas brancas são protagonistas e pessoas pretas coadjuvantes.

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado. (SILVA, 2005, p. 24)

A falta da ação do educador, no caso da inclusão, resulta em exclusão da criança branca com a criança preta e da criança preta consigo mesmo. Essas características abrem o espaço para que futuramente exista a desigualdade racial e o racismo. Não que a criança nasça racista, mas pela repetição do histórico de exclusão o adulto acaba repetindo a história.

## 2.4 A CRIANÇA PRETA EM HISTÓRIAS INFANTIS

As crianças pretas dificilmente se veem representadas nas histórias que são contadas em sala de aula, muitas vezes as histórias não tem personagens que os represente como protagonistas, isso mostra o quanto a invisibilidade histórica de pessoas pretas ainda é grande nos tempos de hoje. Buscar meios que facilitem esse contato e interação, no futuro será algo positivo na construção da identidade da criança. A lei 11.645/08 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino, da obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena” como uma das mais importantes demandas educacionais contemporâneas no Brasil.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina os negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2005, p.43)

Analisando esse pensamento percebe-se que, a identidade é construída a partir do convívio e é um processo de construção social, onde a criança se percebe por meio do olhar do outro e dessa forma sua identidade pode ser considerada como resultado das

# Revista Gepesvida

práticas sociais. Por isso é necessário um esforço de todos, principalmente da sociedade para que haja uma mudança de mentalidade, com relação à diversidade cultural.

Para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas (BRASIL/MEC 2004 p.20)

Histórias infantis com protagonistas pretos, tem muita representatividade para as crianças pretas, porque quando eles veem personagens que têm características parecidas com as suas, eles se sentem representados. Hoje possuímos algumas literaturas voltadas e pensadas para crianças pretas, um exemplo seria o “O Pequeno Príncipe Preto”, esse é um livro com um personagem branco. O livro é popular durante gerações, logo foi feito uma releitura para que a criança preta também se sinta inserida em contos populares. Seguindo esse pensamento podemos ver o quanto é importante valorizar quem somos e de onde viemos. Ter representatividade e resistência por meio de narrativas desse tipo, possibilitam o construir e desconstruir culturas.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia é um passo importante para a construção desse artigo pois nessa etapa foi designado quais caminhos serão percorridos para chegar ao resultado dos objetivos. Esta pesquisa configura-se como uma pesquisa qualitativa básica. Qualitativa, pois compreende a totalidade do fenômeno, sem focar nos conceitos específicos. Para Minayo (1992, p. 21/22) a pesquisa qualitativa

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ao nos aprofundarmos em nossas ideias, classificamos a pesquisa se configurou como de natureza básica com a abordagem qualitativa, logo, podemos interpretar essa abordagem da seguinte forma:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de

# Revista Gepesvida

uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.31)

Segundo Gil (2002 p. 162) “Nessa parte, descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa”, sendo assim, cada etapa abordada nesse processo possuiu a sua finalidade específica buscando elucidar e percorrer o melhor caminho para a interpretação dos dados.

A pesquisa busca entender a história da cultura preta, suas características e como ela influencia a vida de crianças pretas e as instituições escolares. Para isso quanto aos objetivos, a escolha foi a exploratória, que de acordo com Triviños (1987, p. 109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”, sendo assim, a pesquisa foi diagnóstica a partir de bibliográfica e documental, construída por meio da leitura de artigos e documentos que falam sobre as leis que defendem a forma de se trabalhar a cultura preta em sala de aula, com o objetivo auxiliar na coleta de dados.

A coleta de dado foi realizada por meio de duas etapas, com o intuito de que o primeiro momento possa ser focado na formação continuada e o educador, e em segundo nas possíveis intervenções a serem feitas com as crianças abordando a cultura preta. Com o educador a coleta será no dia 06/07/2021, por meio de um questionário, contendo questões que possam esclarecer a realidade do contato entre educador e o preparo para trabalhar com a cultura preta. E com as crianças foi realizada uma intervenção com o grupo G5 nos dias 06/07/2021 e 13/07/2021 por meio do Gmeet, em que será abordado assuntos como o racismo por meio do lúdico e contação de história. Para finalizar, os seguintes sujeitos participativos da coleta de dados foram referidos como P1 (Professora) e C1, C2, C3 (Criança) para a proteção de suas imagens.

## 4. ANÁLISE DE DADOS

A formação continuada é o primeiro passo para que o educador esteja preparado para poder trabalhar com a cultura preta em sala de aula. Essa formação pode

# Revista Gepesvida

ser oferecida pelas instituições de ensino ou por meio de diferentes cursos que procuram capacitar os educadores para a abordagem do tema com intencionalidade.

Ainda para Dias e Silva (2012) uma formação continuada exige uma dinâmica significativa quando se oferta uma formação dentro da perspectiva da Educação das Relações Etnicorraciais. Para essas autoras a formação continuada oferecida, muitas vezes, são estruturados com conteúdo desarticulados e repetitivos, que objetivam unicamente a certificação em larga escala.

Por isso a necessidade de um planejamento que permita um tempo hábil para o aprofundamento das temáticas formativas pelos educadores e suas articulações com o campo de atuação docente, com vistas a construções de práticas assentadas em uma pedagogia antirracista e antidiscriminatória.

As transformações indicam que os processos formativos devem considerar a singularidade das situações de ensino, as novas competências e os novos saberes que o ofício profissional docente está a requerer neste milênio (FERREIRA, 2008, p. 224).

Em meio às transformações ocorridas na sociedade, novos paradigmas emergiram e evidenciaram que “o processo formativo por si só não assegura a efetiva preparação profissional do professor” (FERREIRA, 2008, p. 225). E, nesse sentido, é necessário adentrar ainda mais no assunto foi feita uma pesquisa com uma educadora da área por meio de questionário que busca conhecer a realidade de uma profissional da educação residente de um CEI localizado em São José - SC. Durante as entrevistas foram feitas cinco questões em que o assunto busca focar na vivência da educadora entre formação e vivências.

A primeira questão busca saber se a educadora teve acesso a alguma formação continuada que a preparasse para trabalhar com a cultura preta. Sem muitos detalhes a P1 apenas responde um “Sim”, dando a entender que a mesma teve uma formação, porém não fica claro se foi oferecida pelo CEI ou foi por meio de outros meios.

Logo em seguida foi questionado se o tema cultura preta já foi abordado por ela em sala de aula, por meio de alguma atividade, contação de história ou de alguma outra forma. A resposta foi que sim, que além da cultura preta, outras etnias foram trabalhadas na sala de referência. Possivelmente essa resposta pode trazer clareza sobre a formação continuada da P1, que provavelmente o tema abordado na formação abrange

# Revista Gepesvida

diferentes etnias.

Para Munanga (2005) a formação de educadores que não tiveram em sua base de formação a História da África, a cultura do negro no Brasil e a própria história do negro de um modo geral se constitui um desrespeito as leis que legitimam esse fazer em sala de aula. Conforme salienta Fernandes (2005, p. 56) afirma que:

Apesar da influência marcante da cultura de matriz europeia por força da colonização ibérica em nosso país, a cultura tida como dominante não conseguiu, de todo, apagar as culturas indígena e africana. Muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses também se fez presente no campo da educação e da cultura. Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços.

Por isso esse assunto precisa fazer parte da formação pedagógica dos educadores e para dar continuidade ao assunto foi indagado pela educadora, qual é a importância, para ela, de se trabalhar com diferentes etnias na educação infantil. -A educadora fala que é importante apresentar essa integração no ambiente escolar, visando que o CEI seja um lugar cheio de diversidade. Para Akkari e Santiago (2010), é possível dizer que:

A intervenção pública no combate à discriminação e ao racismo é uma característica das discussões raciais no contexto social e educacional brasileiro. Estudos sobre as relações raciais no espaço escolar evidenciam que a escola, como agência socializadora, pode exercer um papel que reforça as tradicionais assimetrias raciais presentes na sociedade, atuando como difusora do preconceito e da discriminação.

Para entender melhor como é feito o trabalho de inclusão pela P1, a questão de que modos podem lutar contra o racismo ainda na educação infantil se deu de suma importância. A educadora reflete sobre o fato de que é preciso desconstruir não só algumas atitudes das crianças e dos educadores, mas também da bagagem que elas constroem por meio do ambiente familiar. Para Silva e Fonseca (2010) é essencial pensarmos:

[...] nos lugares, nos papéis, na importância formativa da História no currículo da Educação básica requer concebê-la como conhecimento e prática social, em permanente (re) construção, um campo de lutas, um processo de



# Revista Gepesvida

inacabamento. Um Currículo de História é, sempre, produto de escolhas, visões, interpretações, concepções de alguém ou de algum grupo que, em determinados espaços e tempos, detém o poder de dizer e fazer. [...] Sejam os currículos construídos pelos professores na experiência cotidiana da sala de aula – expressam visões e escolhas, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos.

Outro ponto citado que se torna importante é a representação, então além de existir o diálogo é importante a inclusão de personagens de diversas etnias nas sala de referência. Seja por meio da contação de história, em que personagens pretos, indígenas, entre outros, possam ser apresentados e serem protagonistas dos diferentes temas. Conforme aponta Gomes (2002), afirma:

[...] a identidade negra é um elemento dinâmico sendo permanentemente construída, haja visto que: [...] implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade. (GOMES, 2002, p.39).

Para finalizar, focando na vivência na sala de referência, foi questionado se a P1 presenciou que houve racismo em sala. A educadora fala que no primeiro momento a resposta iria ser um “Não”, pois para ela, a seguinte vivência, onde trabalhava em uma creche relatada na época, não foi vista como racista no primeiro momento para a mesma. A P1 explica que nessa creche não existia nenhuma criança preta, porém com o decorrer do tempo entrou uma menina preta, que ao entrar na sala, as outras crianças correram tudo para um canto da sala, como se tivesse entrado alguém muito diferente.

A escola é um espaço fundamental à composição da visão de mundo das pessoas, fornecendo-lhes elementos centrais à forma como elas vão ler e interagir com o mundo à sua volta. Nessa direção, a participação de professores e programas escolares é essencial, pois esses dois sujeitos da educação são substancialmente relevantes à formação da visão de mundo das pessoas. (COSTA, 2012, p. 200)

Para normalizar a situação, a educadora juntou as crianças e contou uma história para que as crianças se sentissem mais calmas. Ao decorrer do ano as crianças perguntavam se a menina era dessa cor pois tomava muita coca-cola, já que a comunidade em que a P1 residia não tinha muitas pessoas pretas, ela refletiu que era provável que esses comentários vinham dos responsáveis das crianças. Hoje, ela fala que diferente de quando residia na antiga creche, hoje no CEI, já saberia lidar melhor com a situação, que na época não tinha atitude, mas que hoje saberia se posicionar.

# Revista Gepesvida

Para finalizar a P1 explica que não enxerga as crianças como preconceituosas, em suas turmas não existem exclusão, existe aproximação devido a algumas afinidades. E que para ela, na educação infantil o preconceito não se torna presente, mas sim quando as crianças vão crescendo e aprendendo com a sociedade a se tornar.

## 4.1 REPRESENTATIVIDADE EM SALA DE AULA.

A representatividade se torna um aliado na luta contra o racismo. Atividades, brincadeiras e contação de história se mostram necessárias para que toda cor de pele se torne protagonistas. Então, para trazer a cultura preta para a sala de referência do grupo G5, em um CEI, localizado em São José - SC, foram feitas 2 intervenções com contação de história com uma protagonista preta. O intuito da contação era trazer uma personagem preta para uma sala de educação infantil, com o objetivo de levar para as crianças um conto sobre relações étnico-raciais. Para no final trazer uma reflexão acerca do conteúdo abordado no livro “A cor de Coraline” de Alexandre Rainpazo. Alertamos, conforme Caimi (2017, p. 33) que algumas literaturas e livros didáticos revelam um caráter ideológicos muito forte e:

[...] se dedicavam a denunciar o caráter ideológico do livro didático, apontando-o como um instrumento de poder das camadas dominantes, cujas principais falhas consistiam em priorizar a chamada “história dos vencedores” e em manter ausente a história das populações empobrecidas, das mulheres, dos povos afrodescendentes e indígenas, entre outros grupos sociais à época denominados de “minorias sociais”.

Por isso a escolha por trazer a contação de história para o espaço educativo e nesse momento houve muita interação entre os educadores e as crianças na primeira intervenção com o grupo A em que a proposta foi fazer com que eles reconheçam alguns personagens que foram citados, e assim compreendam os diversos tons de pele que existem. Fazendo com que eles entendam que o lápis cor de pele não é rosa.

Em seguida, questionamos as crianças sobre qual seria a cor do "lápis cor de pele?". E apresentamos a eles alguns tons de lápis de cor, a educadora 1 mostrou sua mão para as crianças e explicou a eles que o tom da sua pele é parecido com o lápis de cor marrom diferente do tom de pele do educador 2 que tem a pele mais clara e é parecido com o lápis de cor bege. Dessa forma percebe se que a turma tem essa

# Revista Gepesvida

percepção de que existem vários tons de pele, diferentes raças e etnias. Conseguindo assim, diferenciar e identificar os diferentes tons de pele. A segunda intervenção foi com o grupo **B**, após a contação de história, foi explicado para a turma que cada pessoa tem um tom de pele. E foi proposto a eles que fizessem um autorretrato. Com o objetivo de fazer com que eles se pintem da forma que se enxergam. Colorindo o desenho com o lápis de cor, com tom mais parecido com a sua pele.

Sobre essa questão gostaríamos de destacar o pensamento de Moita (1995, p. 115):

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade de sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação.

Observando o contexto que foi trabalhado com os dois grupos, percebesse que a turma tem um entendimento sobre a temática abordada. Obtivemos um retorno positivo dessa interação, pois as crianças souberam identificar e reconhecer o tom da sua pele. Percebendo assim que o lápis cor da pele não tem um tom específico, mas sim vários.

Sabemos que ainda existe pouca representatividade preta em sala de aula, por isso é necessária essa inserção dos ensinamentos e histórias da cultura afro-brasileira nas escolas. Não apenas para as crianças pretas, mais sim para todos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão inicial desse artigo era compreender como o educador é preparado para lidar com a cultura preta na sala de referência. O problema em si foi respondido, muitos educadores podem e devem se preparar para trabalhar com diferentes culturas em sala de aula, indo atrás de cursos, de projetos e formações continuadas. Porém o preparo do educador não para por aí, existe uma preparação que apenas a vivência pode oferecer para lidar com os diferentes aspectos das diferentes culturas. Com tudo que o educador possa adquirir como conhecimentos, o mais difícil mostra ser em como lidar com o racismo, algo tão retrógrado que se mostra presente nas crianças e familiares, que

# Revista Gepesvida

vem passando de geração a geração por muitos anos.

O foco inicial dos estudos era conhecer como se dá a formação continuada do educador e como era na prática essa inclusão da cultura preta por meio de contação de histórias e com diferentes metodologias. Mas algo que mais chamou a atenção foi o fato de que ainda o racismo é uma realidade na educação. O racismo existe, ainda se torna presente ainda é necessário que os professores possuam um plano para que junto com a comunidade das instituições possam lutar contra. É difícil um professor se preparar para trazer histórias com personagens pretos sendo que para uma criança aquilo é algo inferior. Infelizmente é um trabalho dual, a desconstrução dessa cultura de ódio presente na sociedade e a inclusão da cultura preta.

Por mais que fosse necessário estudos com diversos autores, para que esse trabalho fosse adiante o contato com os sujeitos estudados se tornou necessário. Como entender alguns aspectos sobre a formação continuada acerca da cultura preta se não fosse feito um questionário com um professor que passou por todo um preparo para lidar não só com crianças, mas com diferentes crianças. E como entender a atual realidade da educação infantil acerca dos aspectos da cultura preta se não houvesse um contato direto? Logo, podemos afirmar que a metodologia adotada para que futuramente fosse possível refletir sobre os aspectos abordados foi assertiva. Sendo que foi possível não só conhecer o educador, mas também tivemos a possibilidade de interagir com as crianças por meio da intervenção com o intuito de introduzir personagens pretos como protagonistas.

Obtivemos um retorno positivo com relação às biografias lidas, pois foi a partir daí que percebemos como alguns pontos se encaixam com a realidade nos dias de hoje. Pois muitas vezes a realidade é diferente do que se pesquisa, porém existe todo um trabalho social por trás disso e é a partir daí que os sujeitos históricos se destacam, e nos fazem refletir sobre as relações raciais em sala de aula.

E para concluir trago uma das mais importantes reflexões que o trabalho trouxe para os envolvidos: A educação inclusiva é necessária. Essa educação deve ser oferecida a todos, é algo humanitário, seja para a criança, para o adulto, ou aos educadores. Ninguém nasce sendo racista, ninguém nasce diminuindo o outro, seja pelo sotaque, pela diferença de realidades ou pela cor de pele. Então isso mostra ser um

# Revista Gepesvida

trabalho árduo, porém necessário, algo que necessita sempre ser colocado em pauta, que todos são importantes.

## REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdeljalil; SANTIAGO, Mylene. **A gestão da diversidade cultural no contexto educacional brasileiro**. In: *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 38, n.24, mai/ago. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Artigo 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

BRASIL. Casa Civil. **Lei 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: Acesso em: 08 jun. 2021.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm) Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Lei Federal 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 10/06/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular, 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério Da Educação E Cultura (MEC) **Diretrizes Curriculares Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF. 2004.

# Revista Gepesvida

BRASIL. **Resolução no. CNE 001/2004a** de 17 de julho de 2004 do Conselho Nacional de Educação [Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana].

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>; acesso em 10 jun. 2021.

CAIMI, Flávia. O livro didático de história e suas imperfeições: repercussões do PNLND após 20 anos. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 33 – 54.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação Racial e Pluralismo Nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. In: **Educação anti-racista: Caminhos abertos pela lei 10.693/03**. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005. p. 11-12.

COSTA, H. (org.); **Notas de história e cultura afro-brasileira**, 2º Ed, Ponta Grossa, PG, UEPG, 2011

DIAS, Karina de Araújo e SILVA, Vânia Beatriz Monteiro da. Formação Continuada de Educadores para a Diversidade Étnico-racial: A Rede Municipal de Ensino de Florianópolis em Foco. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

FEITAL, Lisa Minelli. **A promoção da igualdade racial e a política pública de formação dos professores da Educação Infantil em Belo Horizonte**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

FERNANDES, J. R. O. (2005). Ensino de História e Diversidade Cultural: desafios e possibilidades. Caderno Cedes, Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Cléa Maria da Silva. Formação de professores à luz da história e cultura afrobrasileira e africana: nova tendência, novos desafios para uma prática reflexiva. Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

# Revista Gepesvida

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.693/03. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005, p 39-62.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Os desafios da diversidade na escola. In. GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (org.). **Diversidade, cultural e educação**: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003. p. 83-105.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

MATA, Flávia Filomena Rodrigues da. **Protagonistas negros nas histórias infantis**: perspectivas de representações da identidade étnico-racial das crianças negras em uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NOVOA, Antonio. Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

RAINPAZO, Alexandre. A COR de Coraline. [S. l.]: Rocco, 2017.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calon a Bonfim**: a favor do Brasil: direita ou esquerda. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ROCHA, J. G. da. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. In: **Congresso Nacional De Lingüística E Filologia**, 14., 2010, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e

ROCHA, J. G. da. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. Cadernos do CNLF, v.14, n. 2, t.1. 2010. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/899-907.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/899-907.pdf). Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2 Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 24.

SILVA, Jerusa Paulino da. A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva. 2010. 78 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de história hoje**:

# Revista Gepesvida

**Errâncias, Conquistas e Perdas.** In: revista Brasileira de história. São Paulo, v. 31, nº 60, 2010.

SILVA, Rosilane Maciel da. **O processo de formação da identidade étnico-racial da criança negra:** um diálogo com a escola. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, [S. 1.], 2015.

SOUZA, Edmacy Quirina de. Crianças negras em escolas de “alma branca” : um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil. 2016. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7873>.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

WERNECK, Cláudia. **Você é gente?** O direito de nunca ser questionado sobre o seu valor. Rio de Janeiro: Wva, 2003.

*Recebido em 30 de setembro de 2021.  
Aceito em 08 de dezembro de 2021.*